

A HUMANIDADE ANTES DA QUEDA

R. C. SPROUL

Agostinho afirmou que a humanidade, como originalmente criada por Deus, era boa e justa. A vontade do homem era tanto livre quanto boa, servindo a Deus com disposição e grande satisfação. No *The City of God*, Agostinho diz: "A vontade, assim, é verdadeiramente livre quando não é escrava de vícios e pecados. Assim nos foi dada por Deus; e tendo sido perdida pelo próprio erro, só pode ser restaurada através daquele que foi capaz de dá-la em primeiro lugar."¹

Na criação, disse Agostinho, o homem tinha a *posse peccare* (capacidade para pecar), e a *posse non peccare* (capacidade para não pecar). Mesmo neste estado, a assistência divina estava disponível para ele. A "primeira graça" da qual Agostinho fala é a da chamada *adjutorium*. Esta assistência graciosa capacitava Adão a continuar em seu estado original, mas não o compelia a perseverar nele. Adão tinha a *posse non peccare* (capacidade para não pecar) mas não a *non posse peccare* (incapacidade para pecar).

Estas distinções a respeito da capacidade moral da criatura são cruciais para o entendimento da visão de Agostinho do homem na criação. Deus possui a *non posse peccare*. Isto é, para Deus não é possível pecar. Deus não é apenas perfeito em sua bondade e justiça, mas ele é também imutável. A criatura não foi criada imutável. Ela pode e passa por mudanças. No céu, em nosso estado glorificado, seremos dotados com a *non posse peccare*. Em nosso estado glorificado, seremos proferidos não apenas sem pecados mas também incapazes de pecar. Mas nossa incapacidade futura para o pecado não se dará porque Deus nos fará divinos mas porque ele nos preservará em um estado de perfeição. Com relação a isto, o céu não será simplesmente uma questão de Paraíso recuperado. O céu será um lugar melhor do que aquele que Adão gozou no Éden antes da queda.

Na criação, Adão tinha a possibilidade mas não a necessidade de pecar. Agostinho argumenta que o homem não apenas tinha a capacidade para não pecar como tinha a capacidade para agir assim facilmente. Em vez disso, ele violou o comando de Deus e experimentou a horrível queda. Agostinho aponta o orgulho como a causa da queda:

Nossos primeiros pais caíram em desobediência aberta porque já eram secretamente corruptos; porque o ato mau nunca [teria] sido feito não tivesse uma vontade má o precedido. E qual é a

¹ Agostinho, *The City of God*, trad. Marcus Dods et al., em Agostinho, *Basic Writings*, 2:255-56 (14.11).

origem de nosso mal a não ser o orgulho? Porque "o orgulho é o início do pecado" [Ecclus. 10.13]. E o que é o orgulho senão o desejo por exaltação imprópria? E isto é exaltação imprópria, quando a alma abandona aquele a quem deve se apegar como seu fim e se torna um tipo de fim em si mesma. Isto acontece quando ela se torna sua própria satisfação...Esta queda é espontânea; porque se a vontade tivesse permanecido fixa no amor daquele bem maior e imutável pela qual foi iluminada para a inteligência e incitada para o amor, não teria se afastado para encontrar satisfação em si mesma...o ato mau, então- isto é, a transgressão de comer o fruto proibido- foi cometido por pessoas que já eram más.²

Agostinho não explica a queda tanto quanto a descreve. Ele identifica a causa da primeira transgressão como tendo sido o orgulho. Mas reconhece que a presença do orgulho já é mal. Ele não recua da declaração de que o primeiro pecado real foi cometido por criaturas que já tinham caído. Eles caíram antes de comerem o fruto.

Quando Agostinho diz que a queda foi "espontânea." ele descreve o problema mas não o explica. Como uma criatura que não tinha inclinação prévia para o mal, súbita e espontaneamente se tornou tão inclinada? Este é o grande enigma da queda, e permanece como a questão mais difícil que continuamos a encarar sobre este evento.

A queda de Adão afetou a sua natureza moral. Mas não apenas a sua. Também afetou a de toda a sua descendência. Aqui vemos a diferença aguda entre Pelágio e Agostinho. Pelágio insistiu que o pecado de Adão havia afetado apenas e si mesmo e não foi transmitido para seus descendentes exceto como exemplo. Agostinho argumentou que o pecado original, porquanto passa para a descendência de Adão, é, em si mesmo, um castigo para o pecado. Todos os homens estavam embrionários em Adão quando ele foi condenado. Todos os que estavam "em Adão" foram subseqüentemente punidos com ele.

Agostinho, seguindo ao apóstolo Paulo, vê um elo entre o pecado e a morte. Todos os homens morrem porque todos tem pecado. Na criação, Adão foi feito com a *posse mori* e a *posse non mori*. Isto refere-se à capacidade para morrer e para não morrer. Adão não foi feito intrinsecamente imortal. Ele continuaria a viver apenas enquanto se refreasse do pecado. Ele poderia ou não morrer dependendo da sua resposta ao comando de Deus. Depois da queda, a morte entrou no mundo e todos os descendentes de Adão foram colocados sob a sua

² Ibid., 2:257-58 (14.13). "...porque o ato mau nunca [teria] sido cometido" é "...porque o ato mau nunca havia sido cometido" na tradução de Marcus Dod.

maldição. Parte do pecado original é que o homem caído agora tem a *non posse non mori* (incapacidade para não morrer). Os casos especiais de Enoque e Elias são exceções tornadas possíveis pela graça especial dada por Deus.

Agostinho tinha uma forte visão da solidariedade corporativa da raça humana com Adão. Ele pressupõe uma unidade orgânica da raça, baseado no ensino de Paulo. No *The Enchiridion*, Agostinho cita Romanos 5: "...como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12). Por "mundo" Paulo refere-se aqui, naturalmente, à toda a raça humana.

Vemos, então, o contraste rigoroso entre o pensamento, neste ponto, de Agostinho e o de Pelágio e seus seguidores. De acordo com Pelágio, Adão agiu como um indivíduo e as conseqüências da sua ação atingiram somente a si mesmo. Para Agostinho, Adão agiu não como um indivíduo solitário, mas como um representante da raça humana. Ele agiu de modo vicário pela humanidade natural de uma forma análoga à obra vicária de Cristo para redimir a humanidade. Agostinho escreve:

Porque estávamos todos naquele homem, desde que todos nós éramos aquele homem que caiu em pecado através da mulher que foi feita para ele antes do pecado. Porque ainda não havia a forma particular criada e distribuída a nós na qual, como indivíduos, deveríamos viver mas a natureza germinal, da qual deveríamos ser propagados, estava lá; e isto tendo sido corrompido pelo pecado e amarrado pela cadeia da morte, justamente condenado, o homem não poderia nascer de outro homem em qualquer outro estado. E assim, do mau uso do livre arbítrio, originou-se toda a série do mal, da qual, com o seu encadeamento de misérias, escolta a raça humana da sua origem depravada, como de uma raiz corrupta, para a destruição da segunda morte, a que não tem fim, exceção feita para aqueles que são libertos pela graça de Deus.³

Este conceito é fundamental para o pensamento de Agostinho, servindo como base para toda a doutrina da graça. Desde a queda e subsequente ruína da humanidade, só a graça de Deus pode ter eficácia para a redenção do homem.

Fonte: *Sola Gratia*.
Editora Cultura Cristã.

³ Ibid., 2:221 (13.14).